VELOSO, Jorge das Graças. **De casa em casa, diante do altar, carregando a Divindade, no cantorio de adoração, uma nova presença: a foliona de obrigação.** Brasília: Universidade de Brasília. UnB; Professor Ajunto IV. Ator, Diretor e Dramaturgo.

RESUMO: Trata-se esta comunicação de uma reflexão acerca dos novos papéis, representados por mulheres, nos cortejos rogatórios, votivos e precatórios, das diversas folias que acontecem no entorno do Distrito Federal. Com os sentidos que adquire a atuação feminina nas últimas décadas do Séc. XX e nos primeiros anos do Sec. XXI, na sociedade brasileira, gradativamente também vem surgindo uma nova figura, até então ausente nessa manifestação tradicional do catolicismo não oficial: a foliona de obrigação. Começando com alguns grupos de catireiras, papéis antes dançados exclusivamente por homens, é cada vez mais recorrente, nos giros de adoração ao Divino Espírito Santo, N. S. d'Abadia, São Sebastião, dentre outros, a presença de mulheres nas funções de obrigação de Alferes, Caixeiras, violonistas, ajudantes de guias e de contraguias. Assim, este trabalho se concretiza a partir do registro dessas novas presenças, por meio de documentação fotográfica e da transcrição de entrevistas com essas novas figuras, verdadeiras revolucionárias de um universo historicamente ocupado por narrativas produzidas somente por homens.

PALAVRAS-CHAVE: Etnocenologia, Folias sagracionais, Foliona de obrigação.

RÉSUMÉ: Cette communication est une réflexion sur les nouveaux rôles, représentés par les femmes dans les processions rogatoires, votive et de sagration des différents folias qui ont lieu autour du District Fédéral. Il y a une transformation avec les sens qui prennent la performance des femmes dans les dernières décennies du XXe siècle et les premières années du XXIe siècle, dans la société brésilienne. Une nouvelle figure émerge jusque-là absente dans cette manifestation traditionnelle du catholicisme non officielle: les folionas d'obligation. Em commençant par certains groupes de *catireiras*, des rôles autrefois dansés par les hommes, aujoud-hui est plus comun la présence des femmes dans lês giros d'adoration au Divin Esprit Saint, à NS d'Abbaye et au Saint Sébastien, d'entre autres. Elles jouent les rôles d'Alferes, des Clercs, des guitaristes, des guides et des countreguides. Ce travail est réalisé à partir des archives de ces nouvelles présences par la documentation photographique et la transcription des entretiens avec ces nouvelles figures. Ces figures sont des véritables révolutionnaires d'un univers historiquement occupé par les récits produits par les hommes.

Mots-clés: Ethnocenologie, Folias de sagration, Foliona d'obligation.

Sentado em frente à casa de um dos barraqueiros[i], no alto de uma das ladeiras em que se construiu o Lago Azul, bairro afastado do Novo Gama, eu esperava a chegada da Folia de São Sebastião para o pouso daquele dia de janeiro de 2014. De repente, como que num intervalo entre todos os sons do

movimentado bairro, sobressaiu-se a batida da caixa, instrumento que anuncia a chegada da bandeira. Olhando para a parte mais baixa da rua, me deparei com uma imagem surpreendente, pelo inusitado do que eu via. Puxando a procissão, ao lado do caixeiro, lentamente, subia a ladeira, a figura imponente de Ana Maria Meireles portando o estandarte da Santidade. A surpresa, para mim, estava no fato de que, nos meus quase vinte anos de pesquisa sobre os cortejos precatórios, votivos e rogatórios das folias da região, era a primeira vez que eu presenciava uma mulher exercendo, individualmente, uma função de obrigação. O Alferes da Bandeira é, na escala hierárquica da manifestação, a segunda posição, abaixo somente do guia, aquele que é tratado como o grande sacerdote, responsável por todo o sentido sagracional do evento.

A surpresa provocada pela nova cena me remeteu a reflexões já antes feitas sobre esses fatos. Não me disponho aqui a aprofundar análises sobre questões relacionadas a gênero ou feminismo. Não me sinto capaz de produzir narrativas que aprofundem discussões sobre o tema. Por certo existem mulheres fazendo este papel com muito mais propriedade que eu. Só a título de exemplo, falando de pesquisadoras próximas a mim, posso citar Tainá Dias de Moraes Barreto, que pesquisa a presença da mulher no Cavalo Marinho na Zona da Mata Norte de Pernambuco (2014); Marlini Dorneles de Lima, que fala das benzedeiras, parteiras e raizeiras do cerrado do Centro-Oeste brasileiro (2016), e um artigo de Luciana Maria Rodrigues Gresta, sobre o papel da mulher nas festas gaúchas na comunidade rural de Tabatinga, no Distrito Federal (2013).

Interessante ressaltar a diversidade de falas sobre o papel da mulher em manifestações tradicionais, na mesma linha das folias. Dessas três pesquisadoras, duas, Gresta e Barreto, refletem sobre essas presenças pela perspectiva de meras coadjuvantes. Já Dorneles de Lima trata a questão pela abordagem do protagonismo tradicional, inclusive como produção de identidades femininas nas comunidades nas quais as raizeiras, parteiras e benzedeiras estão inseridas.

> “[...]. Mas, ainda assim, somente nas áreas onde lhes é cabível transitar. Geralmente não opinam, não decidem e se o fazem, é com muita discrição e somente entre elas” (GRESTA, 2013, p. 7). Talvez por essa responsabilidade sobre a aprovação das pessoas, e por serem as reais protagonistas no cavalo marinho é que as figuras sejam quase um tabu no tocante à participação da mulher. É raro que uma mulher coloque figuras (BARRETO, 2014, p. 60). Já com relação aos estudos acerca dos discursos que evidenciam a hegemonia masculina, no estado de Goiás questões pertinentes a isso foram abordadas por Parente (2005), que retrata o “silêncio da história”, expressão utilizada por Le Goff (1994), quando a mesma considera a ausência de registros de atividades exercidas por mulheres. Fato que já expressa um indício significativo desse hiato histórico, pertinente às questões do corpo feminino nos estudos do corpo sob o viés historiográfico. Porém, no presente estudo, o desafio foi trazer para a cena uma espécie de avesso do silêncio, ou seja, de corpos que, apesar de não estarem presentes nos registros oficiais, ali habitavam, construíam cultura e se transformavam no movimento da própria cultura. Por isso, é importante compreender essas mulheres como sujeitos, dialogando em alguns momentos e resistindo em outros, diante das relações de poder ali estabelecidas. (DORNELES DE LIMA, 2016, p. 92).

Mas, a partir de um lugar masculino de fala, proponho-me a registrar observações sobre a ocupação desse espaço por mais e mais mulheres, mesmo sendo as folias recantos de atuação predominantemente ocupados por homens, muitas das vezes responsáveis por discursos visivelmente machistas. Apresento registros memoriais de conversas e falas de inúmeros foliões por mim presenciadas ou provocadas, durante minhas pesquisas. Assim, descrevo minhas observações sobre como percebi a gradativa ocupação de papéis de obrigação, partindo dos grupos de catireiras, cada vez mais recorrentes no universo das manifestações expressivas ligadas ao mundo sertanejo, no Brasil. E o faço a partir de uma percepção etnocenológica de mundo, reconhecendo a espetacularidade, às vezes substantiva, às vezes adjetivas ou mesmo adverbiais, dessas folionas (BIÃO, 2009, 2011).

Apesar de Mário de Andrade (1989) falar de catiras feitos por mulheres ainda no Sec. XIX, em quase vinte anos de pesquisas sobre as Folias do Divino Espírito Santo, não encontrei nenhum outro registro sobre esse tipo de atuação feminina. Ao contrário, foi sempre muito presente uma fala de que, antes, “folia não era lugar de mulher”, principalmente o catira. Não é difícil, porém, compreender as razões para essa restrição.

O catira sempre foi uma dança intimamente ligada às folias, principalmente as dedicadas ao Divino Espírito Santo e a Santos Reis. As Folias de Santos Reis, originalmente, faziam seus giros à noite, o que, naturalmente implicava na ausência absoluta de mulheres. Impossível se pensar, diante das tradições machistas dos interiores do Brasil, na presença de “senhoras mães de família”, ou mesmo de “jovens donzelas” acompanhando uma procissão de homens durante doze noites (25 de dezembro a 06 de janeiro) por estradas carreiras ou cavaleiras, ou mesmo nas ruas, de distantes lugarejos do sertão brasileiro. Ou até mesmo nas capitais, onde a vigilância moralista era muito ativa.

Nas Folias do Divino, com giros diurnos e pousos noturnos, em cortejos que muitas vezes chegavam a quarenta dias, havia algo ainda mais marcante nessa relação. Ao chegar às moradias dos barraqueiros, somente duas figuras tinham direito a passar a noite dentro de casa, como hóspedes: o Procurador, guardião dos bens materiais recolhidos, e o Alferes da Bandeira, o guardião da Santidade. Já os outros foliões, grupos de tamanhos variados, muitas vezes passando de uma centena, eram obrigados a passar a noite em situações totalmente improvisadas, em galpões, barracas de lona ou até mesmo ao relento. Era exatamente no meio desses grupos a maior incidência de uso de bebidas alcoólicas. E muitas vezes, para passar a noite, ou uma parte dela, o grupo ficava horas e horas dançando catira em volta de fogueiras. Daí a máxima de que “catira era coisa de homem”, pois é também inimaginável “senhoras respeitáveis” misturadas a catireiros por horas, nas frias madrugadas de maio/junho de antanho.

Ocorre que, com as transformações pelas quais passa a sociedade brasileira, desde a segunda metade do Sec. XX, já não é tão “assustador” o fato de que muitas mulheres passaram a ficar “lá fora”, com seus namorados, maridos, ou mesmo sozinhas. A partir dessas mudanças, tornou-se cada vez mais recorrente a junção de rapazes e moças na hora do catira, logo após a “reza do terço” ou da ladainha. Ao chamado do regente que, após assoprar em

seu apito, grita “olha o catira”, acorrem rapazes, moças, meninos e meninas (Figura 1) para atender à solicitação do barraqueiro.

Figura 1 - Catireiros e catireiras, rapazes e moças, meninos e meninas.

Fotos: José Maria Pardal, 2014.

E é também comum, nos dias atuais, grupos profissionais de catireiras, todas mulheres, contratadas para grandes eventos festivos ou mesmo convidados para os pousos de folias (Figura 2). Isto fez também que se tornasse totalmente corriqueira a atuação efetiva de mulheres de todas as idades como folionas[ii], mesmo nas longas jornadas rurais, montadas a cavalo, em igualdade de condições com os homens (Figura 3).

Figura 2 – Grupo de Catireiras do Guará, DF.

Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=catireiras+guar%C3%A1&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwj2vu6EjsPXAhVIHpAKHcLKC4MQsAQILg&biw=1366&bih=662#imgrc=zByx5azVBZPVvM.

Figura 3 - Cortejo da Folia do Alagado, com a presença de mulheres como folionas.

Foto: José Maria Pardal, 2014.

Algo de novo estava ocorrendo no mundo das folias sagracionais da região onde realizo minhas pesquisas. Aquela percepção que tive ao ver Ana Maria como alferes (Figura 4), se tornou mais visível e concreta em diversas funções de obrigação nas Folias, tanto de Nossa Senhora d'Abadia, do Mesquita (Cidade Ocidental, GO) e do Divino Espírito Santo, no Mesquita e da região do Alagado, a já citada área rural do Novo Gama (Figuras 5 e 6). Nesse

giro, já não surpreendendo a mais ninguém, convivemos com várias folionas de obrigação. Caixeiras, violonistas, pandeireiras, ajudantes de guias e contraguias estiveram presentes em praticamente todo o tempo do cortejo. E cada uma com sua narrativa própria, seus desejos e sonhos muitas vezes antes inconfessados e agora expostos publicamente.

Figura 4 - Ana Maria Meirele, Alferes da Bandeira.

Foto: Acervo pessoal. S/D.

Figura 5 – Mulher como Alferes da Bandeira, Região do Mesquita (Cidade Ocidental, GO).

Foto: José Maria Pardal (2014).

Figura 6 - Moça como violonista. Mesquita (C. Ocidental, GO).

Foto: José Maria Pardal, 2014.

Ana Maria Meireles, (Figura 7) cuja imagem subindo a ladeira com a bandeira nas mãos provocou a escritura desta comunicação, diz não se aperceber da diferença que esse gesto tem nas folias. Ela fala:

> Eu entrei entrando, sem opção. Então eu acho que, mesmo se a folia fosse machsita, eu acho que eles não tinham como falar não, você não pode, porque, o Rodrigo, quando ele ia ficar no meu lugar, eu me sinto bem, em me sinto acolhida, em nenhum momento eu me sinto excluída. E eu vou dizer mais, se é assim, eu acabei de quebrar essa regra, porque eu acho que fui a primeira. E eu me sinto muito honrada. Eu não tinha levantado esse questionamento, talvez seja a naturalidade... porque quando meu pai não pode, eu falei eu assumo... eu assumi e em momento algum me passou pela cabeça esse questionamento. E estou me sentindo bem... não sei, é natural demais (Ana Maria Meireles, entrevista, janeiro de 2014).

Figura 7 - Ana Maria Meireles, primeira Alferes mulher na Folia de São Sebastião, Lago Azul, Novo Gama, GO.

Foto: Graça Veloso, 2014.

Já Renata, estudante, filha de foliões/barraqueiros, enquanto aperfeiçoa sua atuação como caixeira (Figura 8), diz alimentar um sonho:

> Eu sou foliona desde pequena. Desde que me entendo por gente eu me lembro das folias. Meu pai sempre foi folião, barraqueiro, alfer, sempre deu pouso, então eu sempre ficava olhando os tocador. Fui aprendendo só de olhar, fui experimentando. Aí hoje eu toco caixa, carrego a bandeira, mas eu sonho mesmo é ser guia. Não conheço nenhuma guia mulher não, só ajudante, assim como a Leide, mas guia mesmo não conheço não. Mas é o que eu fico sonhando ser. (RENATA, Caixeira, entrevista Maio de 2017).

Por mais paradoxal que possa parecer, Renata é, por sua simples presença na Folia, a demonstração da busca por outros sentidos que não somente os proporcionados pela convivência urbana. Mesmo residindo e estudando na cidade, seu sonho traduz os desejos de muitas das moças e meninas presentes no giro: a busca pela distinção que elas podem encontrar no sentimento de pertencimento facilmente identificável em todo o grupo participante da manifestação. E isto mesmo para aquelas e aqueles que fazem o giro sem os compromissos sagracionais que, à primeira vista, todos teriam. Ocorre que esse não pode ser considerado de todo verdadeiro para a totalidade dos jovens que fazem o cortejo. Como em qualquer ajuntamento de pessoas, formando ou não grupos de convivência societal, também nas folias se encontram aqueles e aquelas que lá vão somente pela possibilidade de festa que o evento oferece. O sentido de pertencimento, entretanto, vale para todos e todas, moradores da cidade ou do campo, religiosos ou não.

Figura 8 - Renata, caixeira na Folia do Divino na região do Alagado, Novo Gama, GO.

Foto: José Maria Pardal, 2014.

Outra presença marcante no giro da Folia do Divino de 2017 foi a caixeira Dayane, como ela mesma fez questão de reforçar, “Dayane Aparecida do Espírito Santo” (Figura 9), carregando muito no sentido religioso do sobrenome.

Figura 9 - Dayane, caixeira. Folia da região do Alagado, Novo Gama, GO.

Foto; Graça Veloso, 2017.

Também Dayane trás em seu depoimento um surpreendente ar de naturalidade por ocupar as funções de obrigação nos giros das diversas folias que participa:

> Eu nunca tinha visto ninguém bater. Aí, depois que eu comecei bater eu já vi algumas mulheres. Mas são poucas. Eu assim na folia, a única coisa que eu não faço, que eu nunca fiz, foi tocar... tocar violão e viola eu não sei não, mas eu já ajudei cantar, já fui procuradora, já fui alfer, catireira e caixeira. Tenho 25 anos... desde criança, a partir daí que eu comecei a fazer, 12 anos mais ou menos, vou fazer 26, com onze, doze anos, a partir daí que eu comecei. Meu nome Dayane Aparecida... do Espírito Santo (Dayane, entrevista, maio de 2017).

Finalmente, última a dar seu depoimento, Leide, (Figura 10) ajudante de guia, começa citando situações em que foi discriminada no meio por ser “branca, casada com Renato, negro”. Objetivamente, fala de certa resistência quanto à presença de mulheres em funções de obrigação nos giros.

Figura 10 - Leide, ajudante de guia da folia do Divino no Alagado. Ao fundo, Renata tocando caixa.

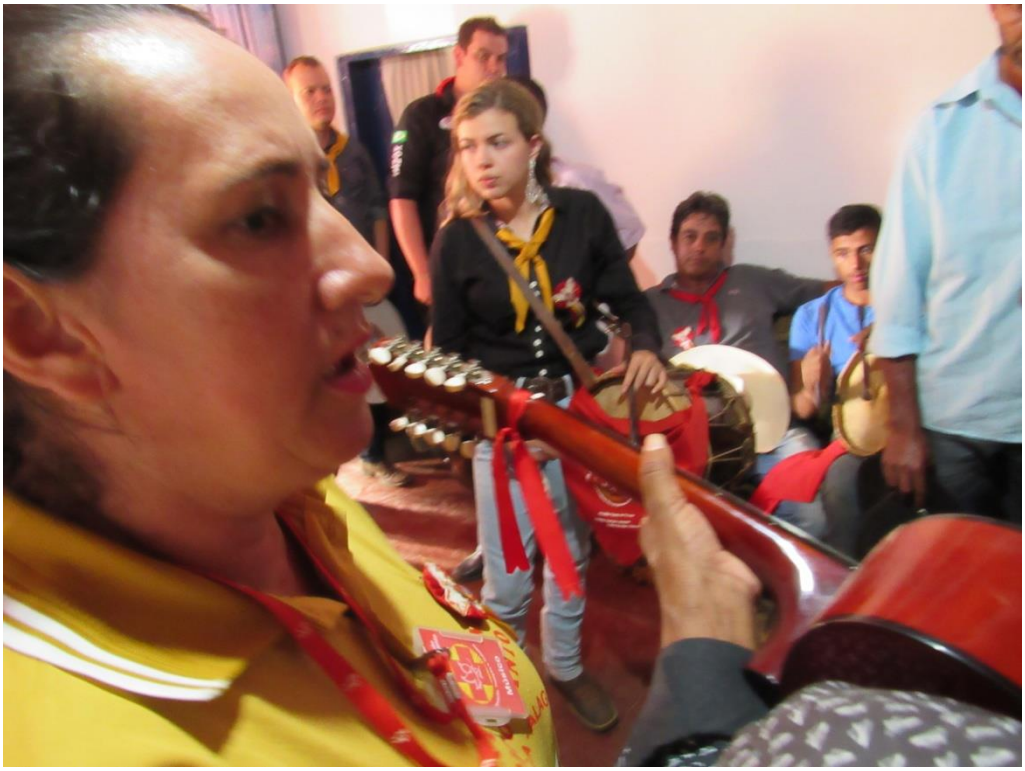

Foto: Graça Veloso, 2017.

> Pra dizer a verdade, nunca foi muito fácil não. Começa pelo olhar torto pro Renato, que sempre teve uma coisa meio que de ficar perguntando “quem é esse pretinho pra casar com uma branca?”. Onde esse povo que pensa assim pensa que tá? Nós cantamos junto, fazemos tudo na folia junto... Até uma música da catira, que nós fizemos pra contar o milagre que recebemos, da salvação, da cura da minha neta, nós fez junto... E outra coisa que nós já teve que enfrentar, foi que sempre o Renato é convidado pra guiar, mas todo mundo sabe que eu vou junto, que eu ajudo ele nos cantorio. Mas já teve uma vez, o guia da folia lá do Gama, foi lá em casa convidar o Renato. Só que todo mundo sabe que ele não aceita mulher na folia dele não... já chegou falando que era só o Renato que ele tava convidando, que na folia dele mulher num cantava. Eu já tinha mesmo vontade de falar umas verdade pra ele, chamei ele e falei: ocê pode até chamar, mas o Renato num vai porque ele me respeita e se eu não for ele também não vai. E falei um monte verdade que ele precisava escutar (Leide, ajudante de guia, entrevista em 2017)

Com essa fala de Leide, expondo tais tensões, podemos concluir que, se verifica aqui o que pode ser considerado como um salto enorme nas relações estabelecidas no campo das tradições, porém ainda com problemas explícitos a serem enfrentados. No reconhecimento de que a mulher ocupa um espaço que lhe é de direito nas folias, está presente também o retrato de diversos paradoxos a que se submete a sociedade brasileira contemporânea.

Nesse sentido, tais cortejos sagracionais tem o poder de se mostrarem como mais um microcosmo de todos os ambientes societais em que se insere nosso povo: é mais um espaço de avanços no reconhecimento da alteridade, sem deixar, porém, de expor todas as consequências a que se submetem as sociedades nos permanentes processos de transformação a que todas estão submetidas. No pior e no melhor que apresentam todos os grupos culturais humanos.

Referências

ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. Coord. Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: MinC; São Paulo: EdUSP, 1989 (Col. Reconquista do Brasil).

BARRETO, Tainá Dias de Moraes. **Ausências:** criação de dança a partir de um olhar para as mulheres em dois grupos de cavalo marinho da Zona da Mata Norte de Pernambuco. 2014. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Artes)— Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BIÃO, Armindo. Um léxico para a etnocenologia: proposta preliminar. In: ___ **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Prefácio Michel Maffesoli. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009a. 389 p.

___. A vida ainda breve da etnocenologia: uma nova perspectiva transdiciplinar para as artes do espetáculo. Cátedra de Artes nº 10 (2011). Faculdad de Artes. Pontifícia Universidad Católica de Chile. Disponível em: http://catedradeartes.uc.cl/pdf/catedra%2010/la%20aun%20breve%20vida%20de%20la%20estnoescenologia.pdf

DORNELES DE LIMA, Marlini. **Entre raízes, corpos e fé**: trajetória de um processo de criação em busca de uma poética da alteridade.2016. 272 f. Il. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

GRESTA, Luciana Maria R. Quando as pessoas que você encontra na caminhada matinal não cumprimentam você: um olhar sobre as impressões de pertencimento que causam reflexões. Brasília, 2013 (mimeo).

[i] Nas folias do Alagado, área rural próxima ao Novo Gama, a trinta Km do DF., barraqueiro é a denominação dada pelos Foliões ao integrante da comunidade que oferece sua residência para um “pouso”, que consiste em espaço para a bandeira passar de uma noite até depois do almoço no dia seguinte. Este pouso se caracteriza também pela troca simbólica em que o dono da casa oferece jantar, café da manhã e almoço, enquanto os foliões dão orações, cânticos e danças, geralmente a catira e uma brincadeira de roda chamada dança da ema.

[ii] Aqui vale o registro de que, no meio das folias, é recorrente o uso do termo foliona (ou fuliona), ao invés de foliã, presente nas falas relacionadas ao carnaval.